

Saraiva quer o PT fora da "geléia geral"

ANA DUBEUX

Duas semanas antes de enfrentar a prévia que escolherá o candidato majoritário do PT às eleições de 1994, o médico Carlos Saraiva está otimista quanto às suas chances de vencer os outros dois concorrentes: o ex-reitor da UnB, Cristovam Buarque e o arquiteto Paulo Bicca. Apoiado pelas facções mais radicais do partido, Saraiva — que foi segundo colocado na corrida ao Buriti em 1990, com 134 mil votos — acha pouco provável que o PT faça alianças no próximo pleito. "Fica difícil apontar quais são os que realmente fazem parte do chamado campo democrático. E, por isso, corremos o risco de rebaixar nossa radicalidade", alerta.

Um dos maiores receios de Carlos Saraiva é de que o PT se domestique, se transformando em um partido como outro qualquer. "Precisamos ser mais radicais. Se não mudarmos, corremos o risco de entrarmos na geléia geral", adverte. Nessa entrevista ao **Jornal de Brasília**, o pré-candidato identifica o ex-reitor da UnB como candidato das facções consideradas moderadas — light — e aponta o governador Joaquim Roriz como político "competente", mas dentro de uma visão burguesa. "O Roriz sabe manipular o imaginário do excluído. Manipula também o imaginário do pseudo-intelectual e da classe média". Saraiva fala também sobre Augusto Carvalho (PPS) a quem tece críticas e elogios. E ao comentar sobre greves, ele reconhece que alguns sindicatos servem "de boi de piranha" para repasse de verba da área federal. Ele disse ainda que tem dúvidas de que "muitas vezes o próprio Governo e os empresários do setor de transporte coletivo incentivam as paralisações dos trabalhadores".



O médico Carlos Saraiva disputa a preferência da militância do PT para o Buriti em 94

Candidato acha difícil compor alianças para 94

O senhor tem chance de vencer as prévias do partido?

— A consulta aos militantes do partido será nos dias 20 e 21 de novembro. Somos três na disputa: eu e os companheiros Paulo Bicca e Cristovam Buarque. Estamos participando de debates internos no Plano Piloto e nas cidades-satélites que têm sido muito interessantes. É uma forma de fazer com que a militância conheça os candidatos, suas idéias, sua concepção de vida e de partido.

Por ter sido o candidato do partido ao governo em 1990, o senhor não deveria ser o nome natural para as próximas eleições?

— O PT é um partido diferente ou, pelo menos, a gente tenta fazer com que ele seja diferente. Não temos caciques, nem candidatos naturais. Só em raríssimos casos isto acontece.

Em 1990 houve muita confusão na hora da escolha do candidato ao cargo majoritário. O senhor não teme que o mesmo aconteça agora?

— 1990 foi um episódio traumático para o partido. Eu fui indicado por um grupo; a companheira Arlete Sampaio por outro; o Orlando Carriello por outro e o Cristovam, que estava entrando no partido, sofreu muita resistência. Arlete e eu retiramos as candidaturas em apoio ao Orlando, mas aconteceram irregularidades nas convenções. Houve uma intervenção pela direção nacional e meu nome acabou depois sendo escolhido por uma espécie de consenso, quase como um soldado chamado para resolver um problema de emergência.

Agora a história é bem diferente?

— Em 1990, o partido saiu tar-

nizar o partido, o partido se mostrar enquanto poder concorrente. Dentro também da concepção da ordem, da legalidade de um partido que segue os trâmites inconstitucionais, que nós inclusive não somos contra. Eles acham ainda que têm que ter um candidato que amplie com outras legendas, até para ajudar a eleição do Lula. Esta concepção que está em debate é clara e objetiva, mas eu considero equivocada.

O PT está perdendo suas características de origem?

Nas últimas eleições a coisa foi muito fechada. Hoje a disputa está muito mais rica, mais vibrante

— Está, e isto é perigoso porque ele pode acabar ficando um partido igual aos outros. Ele não se diferencia. Aí fica difícil saber quem é direita, esquerda, conservador ou liberal. Faço parte do grupo que se chama "Na Luta PT". É um movimento que tem gente de várias facções e os chamados independentes. Eu por exemplo sou um desses, não pertenço a nenhuma facção orgânica do partido, muito embora diga sempre que não sou nem insípido, nem inodoro, nem incolor. Algumas correntes acham que o partido deve voltar, não a ser o mesmo partido quando foi fundado, mas sim ter aquela garra, aquele apelo, aquela empatia, de ser um partido radical. Radical no sentido de ir até as raízes da transformação da sociedade. O perigo que a gente sente é de que, este tipo de concepção da ordem pode domesticar demais o partido e fazer com que ele se desligue dos movimentos sociais.

O senhor acha então que o PT regrediu?

— Não, acho que o PT cresceu, mas até do que nós que estámos no partido desde o início imaginávamos. Cresceu até dentro da burguesia, que tem o PT como parâmetro até para atacá-lo. Nós crescemos tanto que quase ganhamos a Presidência da República. O risco é não deixar que o partido se domestique, que não se torne o último partido comunista da história. Por outro lado, o PT não pode, irresponsavelmente, ser o mesmo PT de 1980.

Dentro desta perspectiva, fazer alianças é uma coisa provável?

— Não estou preocupado com alianças. É importante fazer alianças, porém a mais importante delas é com a sociedade. Se a gente conseguir isto, não precisa de aliança partidária. Vejamos o que aconteceu no segundo turno com o Lula; o Brizola, por exemplo, odeia o PT com toda razão, porque o PT veio para quebrar aquela hegemonia que o trabalhismo tinha, que era demográfica, populista e caudilheira. E logicamente o Brizola e a turma dele não ficaram felizes. Mas, em 1990, numa opção entre Collor e Lula, ele teve que ficar com o Lula.

Fazer alianças não é uma boa?

— Achar que para fazer aliança é preciso coligar com todos os par-

tidos é um negócio extremamente equivocado. E tem um perigo: é difícil dizer quem faz parte do chamado campo democrático popular. Corre-se o risco de rebaixar a sua radicalidade, porque é obrigado a pegar um programa comum.

Em outras palavras, o PT se basta?

— Não, não é isto. Não somos únicos, não somos os salvadores da pátria, as verdades são várias. Agora o PT tem que defender a sua verdade. Não é uma verdade absoluta, mas é a verdade dele. Agora se outros partidos compravarem que querem transformar esta sociedade que está aí, então vamos juntos.

Há um grupo dentro do partido que pretende formalizar essas alianças?

— Há. E nós respeitamos a opinião deles.

O PT vai partir unido para a campanha?

— Vai sim. E esta história de que o PT não gosta de fazer alianças é mentira, estamos fazendo aliança desde a nossa fundação.

Quais são os possíveis aliados do partido?

— O que passou na convenção do partido foi a idéia de fazer alianças com todos os partidos do campo democrático popular: PPS, PCB, PSB, PC do B, PSDB e o próprio PDT. Só não passou o PMDB. Agora temos que analisar do ponto de vista prático de Brasília. Vamos sair unido, então ótimo, subo no palanque com qualquer um deles, a não ser que a coisa seja de um ponto, que eu me retire. Mas, vamos ao lado prático: o PPS tem um caci que que é o Augusto Carvalho. Ele anda num jeito de fazer política muito engraçado: está cheio do prurido. Ele tem que sofrer as consequências da política que está fazendo. Ele votou certas coisas que o movimento sindical contesta, recebe críticas e fica bravo. Aí não dá, não é? Muito embora, mesmo com as votações equivocadas, não dá para comparar o Augusto Carvalho com um Paulo Octávio ou Osório Adriano. Achei o panfleto feito contra ele de mau gosto, mas não tem nada a ver ele sair e ir para empresa reclamando, e garantindo que vai romper com o PT. Não é assim que se faz política, vamos discutir as coisas democraticamente. Por tudo isto acho que a aliança com o PPS vai ser difícil. Já com o PSDB, temos que avaliar dentro das duas facções do partido: a da Maria de Lourdes Abadia e do Sigmarinha Seixas e a do Geraldo Campos. A primeira é mais palatável, sobretudo, pelo Sigmarinha que namora o PT há anos.

O PSDB então é um forte aliado?

— Não, veja só, a Maria de Lourdes já se posiciona como candidata. Não é que o PT seja o dono da verdade, ou se baste, é outra discussão. Mas qual é o partido de esquerda que tem mais apelo em Brasília? Qual o candidato que ficou em segundo lugar em 1990, mesmo com toda a projeção do senador Maurício Corrêa? Em outras palavras, se formos falar em composição a Maria de Lourdes não vai querer aceitar ser vice, ela mesma já garantiu. O PDT, outro exemplo, está todo fragmentado. O Maurício Corrêa saiu e os demais não têm projeção em Brasília. Então eu per-

gunto, com quem poderíamos coligar?

E o PC do B?

— Aqui em Brasília, o partido sempre caminhou ao nosso lado, com o Agnelo Queiroz na Câmara Legislativa, mas ninguém sabe o que eles vão definir em nível nacional em 1994.

A possibilidade de alianças é remota?

— Acho que sim. Mas é bom deixar claro que no Congresso Nacional do Partido decidimos coligar com os chamados partidos do cam-

O PT perdeu o seu

charme ao

expulsar o pessoal

da Causa Operária.

Esses companheiros

eram o contraponto

po democrático. Vamos ver o que vai acontecer. Temos uma comissão especial que está tentando dialogar com essas legendas.

Dentro do PT há grupos que costumam dizer que "partido é partido, e sindicato é sindicato. E o senhor, o que acha disso?

— Acho que PT não pode ser correia de transmissão de ninguém. Sindicato tem que ter autonomia. Não queremos também que o sindicato se transforme apenas num monte de concepção reivindicatória e corporativa. Senão vai ficar igual ao sindicato de resultado, do Luis Antônio Medeiros. Desse jeito a CUT vai se transformar em sindicalismo de resultado à esquerda. O sindicato é um braço também para transformação da sociedade. Ele anda num jeito de fazer política muito engraçado: está cheio do prurido. Ele tem que sofrer as consequências da política que está fazendo. Ele votou certas coisas que o movimento sindical contesta, recebe críticas e fica bravo. Aí não dá, não é? Muito embora, mesmo com as votações equivocadas, não dá para comparar o Augusto Carvalho com um Paulo Octávio ou Osório Adriano. Achei o panfleto feito contra ele de mau gosto, mas não tem nada a ver ele sair e ir para empresa reclamando, e garantindo que vai romper com o PT. Não é assim que se faz política, vamos discutir as coisas democraticamente. Por tudo isto acho que a aliança com o PPS vai ser difícil. Já com o PSDB, temos que avaliar dentro das duas facções do partido: a da Maria de Lourdes Abadia e do Sigmarinha Seixas e a do Geraldo Campos. A primeira é mais palatável, sobretudo, pelo Sigmarinha que namora o PT há anos.

O PSDB então é um forte aliado?

— Não, veja só, a Maria de Lourdes já se posiciona como candidata. Não é que o PT seja o dono da verdade, ou se baste, é outra discussão.

Mas qual é o partido de esquerda que tem mais apelo em Brasília? Qual o candidato que ficou em segundo lugar em 1990, mesmo com toda a projeção do senador Maurício Corrêa?

Em outras palavras, se formos falar em composição a Maria de Lourdes não vai querer aceitar ser vice, ela mesma já garantiu.

O PDT, outro exemplo, está todo fragmentado. O Maurício Corrêa saiu e os demais não têm projeção em Brasília. Então eu per-

greve porque quer, ele o faz porque é a única forma de conquistar seus direitos. Não há outro instrumento além da greve nesse contexto que vivemos. O Augusto Carvalho falou isto porque hoje ele faz parte do Governo e a greve incomoda.

Que nota o senhor daría ao governo Roriz?

— É um governo populista, demagógico, calcado nos grandes interesses dos cartéis em Brasília. Tem compromisso nítido com o cartel da construção civil, dos transportes, das escolas particulares e proprietários das grandes terras do Entorno. Ele inclusive é um deles. Roriz sabe manipular o imaginário do excluído. Além disso, também manipula o imaginário do pseudo-intelectual e da classe média, que gosta de florzinhas nos balões. É um político competente — entre aspas — dentro da visão burguesa. Sabe fazer política, agora é um demagogo e está liquidando com Brasília. O Roriz é o representante legítimo do Apartheid, manipula com a pobreza. Ele quer resultados imediatos. O mesmo faz o Luiz Estêvão e o Paulo Octávio, com suas fundações. Nós do PT é que vamos ter que consertar os erros deles nos assentamentos. Quando ele deu os lotes ele não avisou para a população que ela será obrigada a pagar esses lotes, e o pepino vai sobrar para nós. O metrô foi idealizado para manter o esquema perverco do Apartheid. Quando ele diz que o metrô é bonito o povo acredita. Não sou contra o metrô, enquanto meio de transporte eficaz, enquanto prioridade.

Como acabar com isto?

— Temos que mudar tudo, inclusive, o próprio PT. O partido também está no esquema, mas está

Quando Roriz deu lotes ele não avisou para a população que ela seria obrigada a pagar por eles

consciente desde que entrou como partido da ordem. Por isto, acho que o PT não pode continuar aí, porque senão a gente entra na geléia geral.

É aquela política do quanto pior melhor?

— Não. Há uma diferença entre ser radical e ser sectário. Acho que o PT perdeu seu encanto ao expulsar o pessoal da Causa Operária, esses companheiros eram o contraponto. Agora, sem dúvida, eles tinham alguns equívocos, um deles era o sectarismo. Temos que deixar claro, contudo, quem são nossos inimigos: acabar com o pessoal do cartel da construção; o cartel do transporte coletivo e os donos de escolas particulares e os latifundiários do Entorno. Qualquer partido que queira fazer aliança com PT terá que seguir essa idéia. Isto não quer dizer que no dia seguinte à posse o transporte esteja estatizado, isto é uma coisa a longo prazo.

E quanto à extinção da Câmara Legislativa, uma proposta do petista Paulo Delgado?

— A idéia é absurdamente equivocada. O companheiro delirou completamente.